Configurações
Revista de sociologia

4 | 2008
Género e gerações

Introdução

Alice Delerue Matos

Edição electrónica
URL: http://journals.openedition.org/configuracoes/270
DOI: 10.4000/configuracoes.270
ISSN: 2182-7419

Editora
Centro de Investigação em Ciências Sociais

Edição impressa
Data de publição: 1 janeiro 2008
Paginação: 7-9
ISSN: 1646-5075

Refêrencia eletrónica
Alice Delerue Matos, « Introdução », *Configurações* [Online], 4 | 2008, posto online no dia 12 fevereiro 2012, consultado o 22 setembro 2020. URL : http://journals.openedition.org/configuracoes/270 ; DOI : https://doi.org/10.4000/configuracoes.270

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© CICS

Introdução

Alice Delerue Matos

1 Neste número da Revista Configurações *apresentamos* um conjunto de artigos estruturados em torno dos conceitos sociais de geração e de género. Mereceram particular atenção as transformações das relações intra e intergeracionais e as relações de género, por um lado, e o processo de construção das identidades associadas a estas categorias sociais, por outro.

2 A abrir este número, Michel Loriaux interroga-se sobre uma questão no vértice da actualidade, a do impacto da actual crise económica e financeira nas relações inter-geracionais. Numa análise centrada nas sociedades envelhecidas, contrapõe à tese do endurecimento das relações entre gerações, uma outra que perspectiva o reforço das solidariedades intergeracionais, alicerçadas nas políticas sociais dos Estados.

3 O autor começa por discutir as causas do envelhecimento demográfico, pondo em evidência o facto de a redução da fecundidade, causa primordial do fenómeno, ter sido suplantada pela sua causa secundária, ou seja, pelo recuo da mortalidade que determinou um envelhecimento no topo da pirâmide etária.

4 O envelhecimento demográfico acompanhou uma profunda transformação das sociedades, designada de segunda transição demográfica por Lesthaeghe e van de Kaa (1986) [1] . Michel Loriaux debruça-se sobre um aspecto particular desta transformação social: a redefinição das relações intergeracionais. Opondo-se àqueles que apregoam uma guerra de gerações, o autor afirma que a crise económica e financeira pode conduzir, ao invés, a um reforço das relações e solidariedades intergeracionais.

5 No trabalho de Engrácia Leandro, Paulo Nossa e Maria José Boavida, a aná- lise recai sobre a dinâmica das famílias portuguesas na Alemanha e em França, numa perspectiva de género e intergeracional. A partir das trajectórias de mulheres e homens migrantes fundamentalmente de duas gerações, os autores desenvolvem uma análise na confluência de diversas disciplinas, sobre os efeitos dos processos migratórios na família e, em particular, nas mulheres que assumem o papel de protagonistas na promoção do êxito do projecto familiar de migração. Concluem que os contextos migratórios inter- nacionais favorecem a redefinição dos papéis individuais, familiares e sociais, que se traduz, entre outros aspectos, numa maior autonomia das mulheres, na

modernização das relações conjugais e parentais e na mobilidade social ascendente da família.

6 As relações de género e, mais especificamente, as desigualdades de género voltam a ser objecto de análise por Manuel Carlos Silva. Este autor revisita criticamente algumas teorias explicativas deste tipo de desigualdades, propondo a articulação dos conceitos de género e classe numa perspectiva teórica que cruza um posicionamento feminista com uma perspectiva marxista-weberiana sobre as relações sociais de conflito e as relações de dominação e poder a nível macro e micro. A análise teórica anterior dá lugar à descrição de algumas desigualdades de género em Portugal, cuja explicação remete para a hipótese da sua reprodução e eventual reforço a nível sócio-estrutural, político-organizacional e interaccional, mas sem perder de vista o contraponto que a combate; a diminuição das desigualdades e discriminações de género são também possíveis a nível dos três patamares referidos. Se a subordinação histórica e actual da mulher desde o nível interactivo, doméstico e reprodutivo, reforçando-se a nível da esfera política e das organizações, se cimentou ao nível sócio-estrutural, também a emancipação de género– e de classe – terá que ocorrer a esses três níveis.

7 Perspectivando o grupo geracional da infância como categoria social e as crianças como actores sociais que afrontam, não raras vezes, a norma ocidental da infância, Manuel Sarmento e Rita Marchi definem as linhas de desenvolvimento para uma Sociologia da Infância crítica. Apesar de reconhecerem que o campo científico desta disciplina está estabelecido, os autores encetam uma profícua reflexão crítica sobre os paradigmas teóricos e epistemológicos da construção do conhecimento da categoria social das crianças. Esta reflexão permite erigir bases teóricas renovadas para a inter- pretação crítica da infância contemporânea, alicerçadas na análise histórica e social da conceptualização da infância moderna, na caracterização dos processos de individualização e de globalização da sociedade e no trabalho empírico realizado a partir da análise das crianças "excluídas", "furtivas" e daquelas que se encontram "ausentes" enquanto actores sociais concretos, no discurso da Sociologia da Infância.

8 A preocupação de dar a palavra ao grupo geracional em análise mantém-se no texto de Maria das Dores Guerreiro, Ana Caetano e Eduardo Rodrigues. Numa abordagem avisada pela Sociologia da Família e por uma perspectiva crítica das relações de género, os autores interpretam os processos de construção e mudança dos modelos culturais de paternidade, narrados por jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Este artigo evidencia a complexidade simbólica das representações sociais dos jovens acerca dos comportamentos e atitudes dos pais e acerca dos modelos de paternidade.

9 Finalmente, os indivíduos com 65 anos e mais que prestam cuidados a idosos dependentes, em contexto domiciliar, constituem a população-alvo, na pesquisa de Fátima Barbosa e Alice Delerue Matos. A partir de uma análise das dinâmicas familiares e sociais, as autoras constroem uma tipologia de prestação de cuidados a idosos com diferentes graus de dependência e põem em evidência os não despiciendos riscos inerentes a cada situação-tipo, tanto para o cuidador como para o idoso dependente. A análise destes riscos justifica a proposta de medidas de política social de apoio aos cuidadores familiares idosos, enquanto actores sociais ausentes do discurso político.

NOTAS

1. Lesthaeghe R.J. e van de Kaa D.J. (1986), Twee demografische transities? [Two demographic transitions?] *in* Dirk J. van de Kaa e Ron J. Lesthaeghe (eds.), *Bevolking: groei en krimp*, Denter, Van Loghum Slaterus, 9-24.